

Os empresários levaram reivindicações ao presidente

A livre iniciativa é fundamental, diz Sarney

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente em exercício José Sarney disse, ontem, a um grupo de dirigentes empresariais, que não fugirá às suas responsabilidades na chefia do governo, que pretende desenvolver com a participação de todas as forças sociais, adotando decisões, na medida do possível, consensuais. O presidente acrescentou que serão respeitados os postulados da livre iniciativa, que considera indispensáveis para a promoção do desenvolvimento econômico. Além disso, o presidente ressaltou que a prioridade do governo será mesmo para o setor social, apesar das dificuldades financeiras em que o País se encontra.

Visitaram Sarney, a fim de manifestar-lhe apoio político e solidariedade, os presidentes da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco; Federação Brasileira das Associações de Bancos, Roberto Bornhausen; Confederação Nacional do Comércio, Antônio Oliveira Santos; Confederação Nacional da Agricultura, Flávio Brito, e Confederação Nacional dos Transportes, Hermínio Cavaleiro. O presidente Sarney destacou, em poucas palavras, a necessidade de o governo conciliar o combate à inflação com a retomada do desenvolvimento e, segundo os empresários, ouviu muito mais do que falou. Ao demonstrar como pretendia governar o País, o presidente exibiu aos empresários um exemplar da Constituição e o programa da Aliança Democrática.

Albano Franco, presidente da CNI, falou com Sarney sobre a necessidade de rápida implementação do pacto social prometido pelo presidente Tancredo Neves, acrescentando que os empresários, como os trabalhadores, têm o máximo desejo de colaborar, mas admitindo que por enquanto o governo ainda não deu nenhuma demonstração concreta de suas intenções. Admitiu o empresário que chegar ao pacto não será fácil, mas o impasse será prejudicial para os dois setores. Quanto ao governo, pode colaborar decisivamente se mudar a política econômica e forçar a redução das taxas de juros, "sem o que não haverá pacto social".

PREJUÍZOS

Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio, acen-

tuou que os patrões estão dispostos a atender as reivindicações trabalhistas no sentido de aumentar os salários e até reduzir as horas de trabalho, desde que haja compreensão das duas partes para que o produto final seja capaz de compensar os investimentos feitos, pois caso contrário os prejuízos atingirão indistintamente as duas partes.

Por seu turno, Albano Franco reconheceu que os trabalhadores já cedem o máximo, e acrescentou que os dois setores são interdependentes e não podem entrar em conflito quando o País deseja retomar o desenvolvimento. Roberto Bornhausen, da Febraban, preferiu não falar com os jornalistas, saindo rapidamente do Palácio do Planalto.

Cada dirigente empresarial fez um rápido relato sobre os problemas do seu setor, e o encontro durou cerca de 40 minutos. Antônio Oliveira Santos, que juntamente com Albano Franco se dispôs a conversar com os jornalistas, admitiu que as greves representam um sério risco, se não houver acordo entre operários e empregadores, frisando que deve ser evitada a ruptura, que traria sérios problemas sociais.

Os empresários — acrescentou — têm vontade de efetivar o pacto social sob clima de tranquilidade para garantir o desenvolvimento das empresas, mas esperam a participação intensiva do governo, já que ele invadiu vários setores antes privativos da livre iniciativa. Antônio Oliveira Santos admitiu que as greves preocupam, mas se deve fazer tudo para evitar uma revolução branca, ou seja, patrões e empregados se hostilizando.

Albano Franco defendeu também a realização do plano de emergência organizado pela antiga Copag, a fim de injetar recursos em setores básicos absorvedores de mão-de-obra. Disse que os empresários estão dispostos a distribuir sacrifícios com os demais setores produtivos, reiterando que o governo, que tanto tem interferido nas áreas econômicas, não se pode furtar a contribuir decisivamente para o pacto social. Todos os segmentos do empresariado brasileiro estão dispostos a viabilizar o pacto social. A situação do País é difícil, mas temos condições de superar os problemas, acha o presidente da Confederação Nacional da Indústria.